



Secretário-geral da Juventude Socialista diz que é preciso mais Europa

Tempos de mudança

Duarte Cordeiro

Vivemos tempos de mudança. A crise financeira internacional demonstrou que não podemos permitir, a bem das pessoas e das economias, que os mercados funcionem sem regras, que a especulação se mantenha e que o Estado tenha um papel marginal na intervenção ou na regulação económica.

Com a globalização as crises económicas de um país rapidamente se alastram a todos os países. Pequenas alterações ou pequenos 'remédios' já não garantem confiança aos cidadãos e não evitarão que futuramente tenhamos crises com dimensões ainda superiores a esta. O Estado representa agora uma alternativa de segurança e confiança e uma oportunidade para corrigir anos e anos de reforço nas desigualdades sociais. O valor da igualdade ganhou outra importância com esta crise.

Um pouco por todo o mundo, os Governos apercebem-se da necessidade de recenrar as suas políticas na promoção do emprego e no reforço do investimento. Querendo manter ou reforçar as funções sociais do Estado, no apoio aos mais desfavorecidos, o investimento público é o mecanismo mais eficaz na promoção do crescimento e do emprego. Assim o disse Paul Krugman, Nobel da Economia.

No entanto estes esforços nacionais tornam-se mais difíceis no actual contexto europeu e mundial. São urgentes reformas nas instituições financeiras internacionais que permitam acordos para regular os mercados financeiros e combater a especulação. Mas também é necessária mais Europa. No momento em que os Estados Europeus reforçam o seu investimento, reforçam as suas despesas sociais com os sectores da população mais carenciados e necessitados, precisávamos de uma Europa com maior capacidade para apoiar estes países. Problemas supranacionais exigem instrumentos e políticas europeias. Precisamos de uma Europa que apoie os Estados nas suas despesas sociais e com isso promova coesão. Precisamos de uma Europa com capacidade de investir nos sectores mais empregadores. Precisamos de um Pacto de Estabilidade e Crescimento que valorize mais o investimento nacional. Basta compararmos o investimento da UE com o que a Administração Obama irá realizar para percebermos as limitações da actual política europeia.

Foi com satisfação que li a moção de recandidatura de José Sócrates a secretário-geral do Partido Socialista. Partilha da visão que o emprego e o combate às desigualdades sociais são as prioridades políticas nacionais. Que num contexto de redução das exportações portuguesas, em virtude do crescimen-

to reduzido ou recessão na maioria dos países europeus, o investimento público é essencial para promover o crescimento e o emprego. Que o investimento deve ser redireccionado para sectores que aumentem a competitividade nacional, ao nível dos transportes, e que diminuam a nossa dependência energética. Mas também demonstrou ambição para procurar soluções, à escala europeia e internacional, para reformar as instituições financeiras, para combater o capitalismo desregulado e a especulação, e para o reforçar o investimento europeu. Muitos dirão que a vontade de José Sócrates de nada serve mas, por mais pequeno que seja o nosso país, podemos sempre dar o exemplo.

A nossa política energética é já um exemplo para outros países demonstrando que com vontade e determinação podemos, num par de anos, aumentar rapidamente a capacidade de produção de energia por fonte renovável. Recentemente demos outro exemplo ao mundo ao disponibilizarmos a reintegrar prisioneiros de Guantánamo demonstrando apoio à decisão de encerrar aquela prisão e fechar um capítulo negro da história. Voltámos a fazê-lo quando Sócrates assumiu, na apresentação da sua moção, a defesa do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, reafirmando Portugal como um país que promove a liberdade, combate a discriminação e reforça os direitos de todos.